

CAMINHOS E EXPERIÊNCIAS COM A MANIPULAÇÃO FOTOGRAFICA

PATHS AND EXPERIENCES WITH PHOTOGRAPHIC HANDLING

Shayda Cazaubon Peres / UDESC

RESUMO

O texto apresenta reflexões entre arte e educação, propondo a caminhada como prática pedagógica. No processo artístico, a fotografia é considerada um documento de presença, um objeto mediador entre o sujeito e as experiências, da mesma maneira que é utilizado como um dispositivo de reinvenção de territórios e memórias. Posteriormente, esse processo poético foi desdobrado em uma proposta, que resultou na oferta do curso chamado: Colorização manual de fotografia e fotomontagem, ministrado na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG). No curso, foi possível aos alunos transformarem as suas experiências através da manipulação e intervenção fotográfica, por meio da coloração manual, fotomontagem e costura.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Caminhada; Prática pedagógica; Processo poético; Manipulação fotográfica.

ABSTRACT

The text presents reflections between art and education, proposing walking as a pedagogical practice. In the artistic process, photography is considered a presence document, a mediating object between the subject and the experiences, in the same way that it is used as a device for reinventing territories and memories. Later, this poetic process was unfolded in a proposal, which resulted in the offer of the course called: Manual colorization of photography and photomontage, given in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, at the Leopoldo Gotuzzo Art Museum (MALG). In the course, it was possible for students to transform their experiences through photographic manipulation and intervention, through manual coloring, photomontage and sewing.

KEYWORDS

Art; Walking; Pedagogical practice; Poetic process; Photographic manipulation.

O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2005, p.15)

O ato de caminhar pertence a civilização humana desde os primórdios, pois faz parte do nosso percurso pessoal enquanto indivíduos em uma sociedade. Desse modo, aprendemos a nos deslocar no espaço assim que nascemos e, conseqüentemente, a nos relacionar com o corpo e com o espaço. Contudo, não somos instrumentalizados a ter consciência dessa educação que ocorre desde os nossos primeiros passos. Portanto, parte-se do pressuposto de que a partir da consciência do nosso corpo enquanto instrumento relacional no mundo, conseguiremos partir para uma educação mais sensível e efetiva.

A caminhada e o deslocamento no meu processo artístico e pedagógico, partem de um entendimento do movimento enquanto elemento central (CARERI, 2013), do deslocamento de um corpo, de uma memória, de uma experiência, de um significado que se move e se transforma a cada novo encontro. O caminhar se apresenta como um método e a manipulação fotográfica como um documento de presença do que sinto. Através dessa perspectiva, apresento parte do meu processo de criação e os desdobramentos pedagógicos que surgiram no caminho.

Em 2014-2015, realizei uma viagem com duração de três meses por alguns países da América Latina, que gerou o primeiro movimento em relação a minha produção artística e, posteriormente, pedagógica. Deslocar-me em territórios que até então não haviam sido explorados por mim, fez com que o meu olhar se tornasse mais sensível e desperto para o meu entorno. Algo ali havia se modificado, eu não era mais a mesma frente ao mundo novo que se apresentava,

A mobilidade no espaço permanece um ideal inacessível a muitos, enquanto é a primeira condição para uma educação real e uma apreensão concreta da vida social. Quanto à mobilidade no tempo, existem duas dimensões muito diferentes inicialmente, na aparência, mas muito estreitamente complementares. De um lado, aprender a se deslocar no tempo, aprender a história, é educar o olhar focado no presente, prepará-lo, torná-lo menos ingênuo ou menos crédulo, torná-lo livre. De outro lado, escapar, na medida do possível, aos constrangimentos de idade é a forma mais autêntica de liberdade. A educação continua sendo a melhor garantia. Em toda verdadeira democracia, a mobilidade do espírito deveria ser o ideal absoluto, a primeira obrigação. (AUGÉ, 2010, p.107)

As linhas e os conceitos que atravessam, se conectam e versam a narrativa da minha poética em elementos como: borda, margem, fragmento, lugar, não-lugar, coexistência de realidades, camadas e fronteiras (naturais, artificiais, visíveis, invisíveis, linguísticas, culturais e políticas). Alguns desses conceitos surgiram no processo da caminhada em si, outros após o meu retorno da viagem, no decorrer do processo artístico.

Durante os meus deslocamentos em centros urbanos, ao ver os movimentos dos transeuntes, via realidades coexistindo no mesmo espaço, bem como, linhas fronteiriças que separavam uma mesma cidade; de um lado, a realidade apresentada e organizada para os turistas, de outro, a realidade para os moradores, os quais muitos dependiam do turismo para trabalhar. Questionei se, aquela cidade, a qual eu desfrutava, também era usufruída pelos moradores. Nas margens, as desigualdades gritavam, mas quase ninguém ouvia. O silêncio presente era quase ensurdecedor.

Em mim, habitava um sentimento dual, pois eu ali, era uma turista, uma estrangeira, que conseqüentemente usufruía de uma realidade que havia sido pré-moldada para pessoas como eu, mas ao mesmo tempo, conseguia me deslocar desse devir “turista” e visualizar as linhas tênues que distanciavam as realidades dos que ali transitavam.

No retorno da viagem, deparei-me com uma grande dificuldade, a de lembrar e de organizar mentalmente, os acontecimentos vivenciados em lugares, cidades ou países. Sabia que as nossas experiências, de certa forma elaboram um novo mundo interno em uma geografia inventada por um corpo cheio de memórias, assim, era como se as experiências, memórias e fronteiras estivessem atravessando-se e embaralhando-se na minha memória. Dessa forma, senti que um novo lugar habitava dentro de mim sem fronteiras. As reflexões que eu havia feito durante os deslocamentos retornaram com mais intensidade, servindo de alicerce para a construção da poética com a fotografia.

Dessa maneira, desenvolveu-se a ideia de exteriorizar esse novo mundo que habitava dentro de mim. Sabendo que a fotografia era o objeto que mediava as minhas experiências com os lugares, parti da ideia de manipular esses registros, primeiro com a coloração manual e, posteriormente, com a fotomontagem. Através desse processo, busco a reinvenção das minhas experiências pelos locais que transitei, bem como a construção de novas realidades, compreendendo com Deleuze e Guattari que arte é um bloco de sensações composto de perceptos e afectos que se mantém por si mesmos como monumentos, ou seja, “são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido.” (DELEUZE; GUATARI, 1992, p.213)

Diante disso, a relação entre educação, arte e caminhada fica evidenciada no presente trabalho através da percepção da experiência como meio para a descoberta de novas paisagens e da relação do sujeito com os territórios.

Penso que, a poesia de uma paisagem está em que ela nunca será vista da mesma forma por ninguém, Schama (1996) diz que ela é uma construção da nossa mente, visto que não existe paisagem separada das nossas memórias, portanto, ela não existe por si só, vemos e interiorizamos a paisagem a partir do que somos. “Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas. (SCHAMA, 1996, p.17)

Percebi que a caminhada não é o início e nem o fim, ela é o meio, pois é o caminho que possibilita o processo da mediação cultural, Martins (2012) diz que,

(...) se o nosso corpo/olhar se faz viajante sensível e atento, uma viagem pode se tornar real quando visitamos a praça próxima, a rua de nossa casa ou da escola, ou mesmo a casa do vizinho; quando nosso corpo/olhar identifica semelhanças e percebe as diferenças nos modos de viver, pensar e habitar os territórios. (MARTINS, 2012, p. 9)

Penso que, pode-se despertar o espírito de explorador nos sujeitos em pequenas viagens cotidianas, como por exemplo, no trajeto até a escola, na escolha de uma rua diferente para transitar ou um caminhar com um ritmo diferente, não através do tempo cronológico (*chronos*), mas o tempo oportuno e natural do homem (*káiros*). Estar atento durante o percurso é possibilitar que algo nos atravesse e nos modifique, como diz Larrosa,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2015, p. 25)

Desdobramentos da viagem e a fotografia como meio

Um novo olhar para a cidade começou a ser despertado a partir de experimentações desenvolvidas pela Internacional Situacionista (I.S.)¹, através da psicogeografia, a qual investigava as relações emocionais e comportamentais dos indivíduos na

sociedade. A I.S. teve origem a partir de diversas influências artísticas, dentre elas as principais: o Dadaísmo e o Surrealismo. Foi um movimento de cunho artístico, social e político, teve início em meados dos anos 50 mas só se solidificou no final anos 60. A partir da psicogeografia eles “convidavam” a sociedade para repensar os seus trajetos que até então eram sempre previsíveis. Desenvolviam cartografias afetivas, as quais, tinham origem em mapas e derivas reais. Assim como eles, utilizo a cartografia como um registro de uma experimentação. Reinvento modos de existir através da manipulação fotográfica e das experiências que tenho com as paisagens. Transmuto e amplio significados com base em criações de novas narrativas e realidades.

Os questionamentos que moveram a construção da minha poética foram: Seria possível redesenhar as cidades? Que efeito causaria o deslocamento ou a eliminação das linhas fronteiriças que reforçam as desigualdades existentes? Como deslocar aquilo que fica à margem para o centro de uma cidade? E como tornar audíveis essas vozes?

A maneira encontrada para exercitar esses questionamentos foi a partir da manipulação dos registros fotográficos. Desse modo, seria possível continuar viajando, não mais naquele espaço e tempo que foi vivido outrora, mas de uma forma onírica, criando novas realidades e narrativas a partir de novos significados de experiências reais.

A partir disso, foi criada a série: *Latinoamérica*. O início se deu a partir da pintura manual de fotografias (aquarela), e posteriormente era realizada a técnica de fotomontagem. Cada nova imagem criada, carregava consigo de três a cinco fragmentos de lugares diferentes. Sabendo que, “A representação fotográfica é uma recriação do mundo físico ou imaginado, tangível ou intangível; o assunto registrado é produto de um elaborado processo de criação por parte de seu autor.” (KOSSOY, 2002, p. 43)

Por conseguinte, durante este processo comecei a refletir sobre o significado de cada fragmento e o que cada um trazia consigo. Percebi a potência de cada um, pois em cada recorte havia realidades diferentes, fazendo com que, cada uma delas contribuísse para o resultado final. Portanto, este novo lugar criado ia muito além de um registro fotográfico, pois trazia consigo novas possibilidades de invenção imagética. Nesse instante, percebi que o significado de um território pode variar a partir da forma que nos relacionamos com o mesmo.

Automaticamente, após ver a imagem construída, meu cérebro buscou criar uma narrativa para a imagem que se apresentava aos meus olhos, uma história

totalmente diferente da original de cada fragmento, com mais liberdade para ir e vir, agora sem fronteiras, onde tudo era possível.

A primeira parte da série, foi realizada somente com os registros da viagem, ao total foram criadas seis imagens (Figura 1).



Figura 1. Shayda Cazaubon Peres. Série: Latinoamérica. Ano: 2015. Coloração manual com aquarela e fotomontagem, 10x15cm.

Ao retornar para casa dessa viagem, senti um certo estranhamento perante a cidade em que havia morado toda a vida, Pelotas/RS. Era como se aquela cidade tivesse se modificado, passei a ver coisas nos meus deslocamentos que eu nunca havia visto antes. Compreendi que aquelas coisas, provavelmente estiveram sempre ali, só que agora eu estava vendo além ou simplesmente, as vendo de outra forma. “É necessário sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não nos saímos de nós”, como disse José Saramago.

Quando saímos da nossa zona de conforto, quando algo nos toca e nos modifica, voltamos para casa mais sensíveis. A inquietação gerada fez com que eu tivesse vontade de reinventar a cidade que eu sempre vivi e que agora, se apresentava de forma diferente aos meus olhos,

A educação deve inicialmente ensinar a todos a mudar o tempo para sair do eterno presente fixado pelas imagens em círculo, e fazer mudar o espaço, isto é, a mudar no espaço, a sempre ir ver mais de perto e a não se

nutrir exclusivamente de imagens e mensagens. É preciso aprender a sair de si, a sair de seu entorno, a compreender que é a exigência do universal que relativiza as culturas e não o inverso. (AUGÉ, 2010, p.109)

Desta forma, construí novas imagens a partir de registros fotográficos que eu tinha da cidade, ao total foram criadas mais sete imagens (Figura 2). Após a finalização da série, as imagens foram transformadas em cartões postais (Figura 3).



Figura 2. Shayda Cazaubon Peres. Série: Latinoamérica. Ano: 2015. Coloração manual com aquarela e fotomontagem, 10x15cm.



Figura 3. Shayda Cazaubon Peres. Cartão postal da série: Latinoamérica. Ano: 2015. Fotomontagem digitalizada e impressa, 10x15cm.

Proposição pedagógica

No mesmo ano, participei de uma exposição chamada: Dos Livros aos Lugares, Dos Lugares aos Livros,, *frame a frame*, além disso, também havia uma proposição artística. Em formato de carta, havia um convite, com algumas instruções, para que os visitantes realizassem o processo de construção de uma nova cidade (Figuras 4 e 5). A composição das fotografias se dava a partir da colagem desses fragmentos, resultando na construção de novos postais. Posteriormente, as pessoas poderiam escrever ou descrever esse “novo lugar” em formato de carta e colocar dentro de um envelope junto a imagem construída.



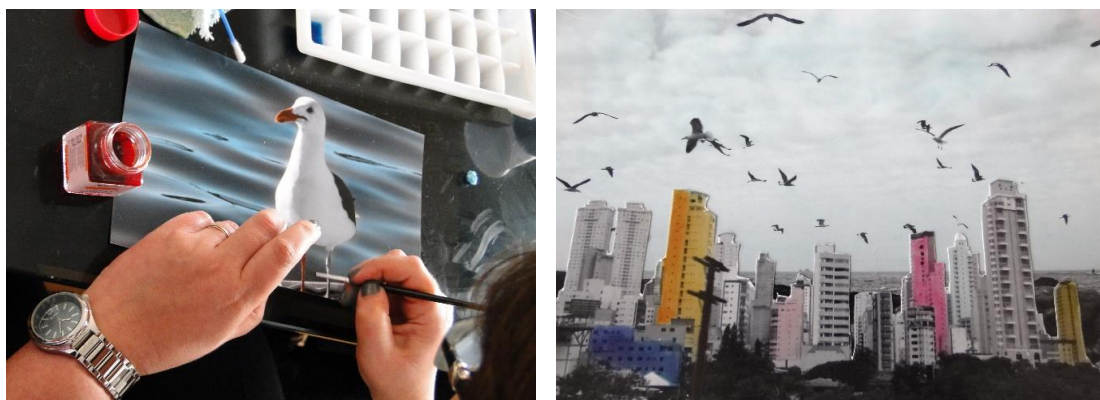
Figuras 4 e 5. Shayda Cazaubon Peres. Registros da proposição artística. Ano: 2015. Fotografia digital.

Em suma, o trabalho convidava a invenção de um lugar a partir dos fragmentos de imagens e a partir dessa experiência percebi que eu estava convidando o público a realizar um deslocamento por via da imaginação, estava propondo uma viagem sem definir o roteiro.

Durante a exposição, percebi que algumas pessoas vieram me questionar sobre a técnica e sobre a poética de construção da série. Passei a ver a potência para uma proposição pedagógica, desse modo, elaborei e ofereci um curso de curta duração chamado: Colorização manual de fotografia e fotomontagem; no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) na cidade de Pelotas/RS. Ele era composto por duas partes, uma teórica: sobre a colorização manual fotográfica e a colagem na história da arte; e a outra parte era prática: com técnicas de interferência em fotografias como a pintura manual através de aquarela, a costura, o desenho e fotomontagem.

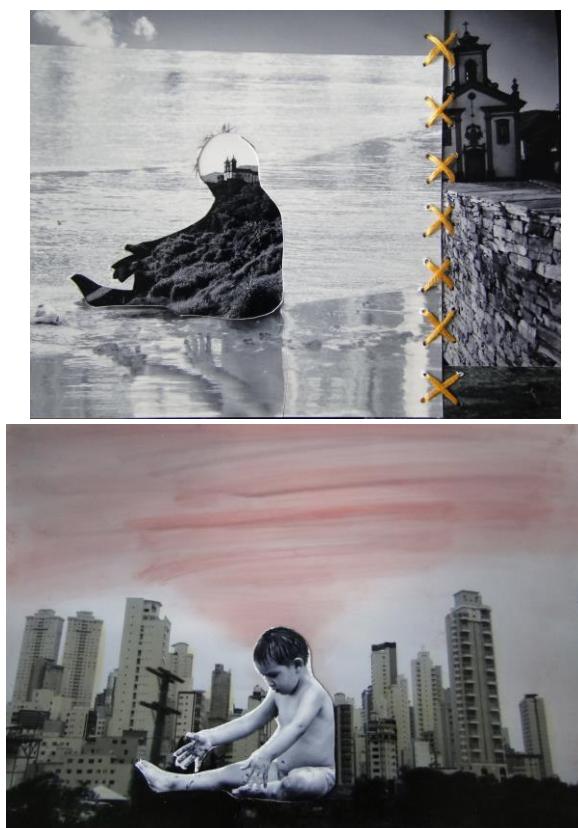
Neste curso, eu propunha que os participantes exercessem a mesma atividade que praticava em meus trabalhos, buscando a reinvenção dos lugares a partir das suas próprias vivências e registros fotográficos, recriando realidades paralelas das originais. Ora ou outra, misturávamos os fragmentos de todos os participantes e

trocávamos entre si, experimentando criar uma nova paisagem a partir da junção de diferentes lugares e temporalidades (Figuras 6 e 7).



Figuras 6 e 7. Shayda Cazaubon Peres. Registros do curso. Ano: 2015. Fotografia digital.

Outro exercício que fiz foi levar algumas fotografias pessoais minhas impressas, para aumentar a variedade das fotografias e fiz questão de levar algumas repetidas, para ver os resultados diferentes que elas teriam (Figuras 8 e 9).



Figuras 8 e 9. Shayda Cazaubon Peres. Registros do curso. Ano: 2015. Fotografia digital.

Acredito que a partir do uso da fotografia como dispositivo² de registro e posteriormente da manipulação possa se ampliar as significações sobre a própria caminhada e as experiências com os lugares. Durante o tempo do curso foram levantadas várias reflexões e questionamentos, a respeito da criação de novas realidades e também da potência do fragmento fotográfico, visto que, manuseado por pessoas diferentes, teria resultados distintos. Notei também que houve uma quebra de estereótipos em relação a estética do trabalho, sobre a questão do “bonito” ou “feio”. Na medida em que os participantes se permitiam experimentar a manipulação fotográfica e a reinventar memórias, eles percebiam que não existia “erro” no trabalho artístico. Da mesma maneira que, se o resultado saísse fora do esperado, abriria portas para infinitos sentidos.

Notas

¹ “Internacional Situacionista (IS) - grupo de artistas, pensadores e ativistas que lutam contra o espetáculo, a cultura espetacular e a espetacularização em geral, ou seja, contra a não participação, a alienação e a passividade da sociedade. (...) O interesse dos situacionistas pelas questões urbanas foi uma consequência da importância dada por estes ao meio urbano como terreno de ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a monotonia, ou ausência de paixão, da vida cotidiana moderna.” (JACQUES, 2003, p. 13)

² Segundo Agamben, dispositivo é “qualquer coisa que tenha de algum modo à capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos (...) O dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações” (AGAMBEN, 2005, p. 13-15).

Referências

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? **Revista: outra travessia**, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, jan. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>. Acesso em: 09 de maio de 2020.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. São Paulo: Editora UNESP e Maceió: edUFAL, 2010.

CARERI, Francesco. **Walkscapes, O caminhar como prática estética**. São Paulo, Editora G. Gili, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein (org.) **Internacional Situacionista, Apologia da Deriva, escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na Trama Fotográfica**. 2a ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

Shayda Cazaubon Peres

Mestranda bolsista CAPES, Programa de Pós Graduação em Artes Visuais na linha de pesquisa em Ensino da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sob orientação da Profª Drª Elaine Schmidlin. Membro do Grupo de Pesquisa Entre Paisagens UDESC/CNPq. Graduada em Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com período de mobilidade acadêmica na Universidade de Aveiro (UA), Portugal. Técnica em Comunicação Visual (IFSul).